



O Daniel é um dos mais pequenos «Batatinhas» da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Praticando o Bem

AO tomar o «leme da barca», no dizer do Padre Carlos, quero afirmar que o testemunho dado pelo O GAIATO é de toda a Obra: dos padres, das senhoras e dos rapazes — daqueles rapazes que comungam com a Obra o Espírito de Deus — e todos os nossos Amigos.

O testemunho é de Jesus Cristo — Amor de Deus feito Homem — no meio dos homens para os amar humanamente até ao fim.

Cada elemento dá, por si, o sinal da força de Deus na sua pessoa, acção, palavra e escrita. Assim é intransmissível. Não se passa.

Conto, portanto, como primeiro responsável do Jornal e da Obra, com a colaboração pronta e esforçada de todos os padres, sem excepção, tanto dos que têm mais facilidade de elaborar e escrever, como para quem é mais difícil.

O GAIATO continuará a ser a «palavra nova» nascida da fidelidade de cada um à Pessoa de Jesus encarnada no Pobre, na Criança ou Doente abandonado.

Não tenho que lhe imprimir qualquer rumo novo. Está traçado pelo

Fundador e continuado pelos padres que lhe sucederam.

Na socialização jurídica da criança ou do doente sem-família, ditada pelo Estado, a Obra da Rua, em Portugal, terá cada vez mais dificuldades emergentes da confusão instalada no espírito das pessoas.

O Estado assume, mas não realiza. Diz que faz, mas não faz e aqueles que são órgãos legais sentem-se no direito de se nos imporem como se fôssemos obra do Estado.

Não somos!

Por amor da criança e do doente abandonado, somos uma casa de famí-

lia para os sem-família, resultante da nossa vocação cristã na Igreja Católica.

Obra única, sem enquadramento legal ajustável ao seu carácter nesta sociedade dita organizada.

Deixem-nos ser o que somos e avaliem-nos pela obra humana que realizamos.

O que fazemos não é mais que provar, por obras, que acreditamos na Ressurreição de Jesus.

Os nossos apoios provêm da Fé. Nasceram no coração daqueles que acreditam e agem em consequência.

«Mais uma pequena ajuda, agora não sei quando o voltarei a fazer. Vendi um fio que tinha, muito bonito e com uma linda medalha, e vendi uma

Continua na página 4

CALVÁRIO

Manhã de Páscoa

AINDA há dias eram galhos desfolhados e adormecidos, tingidos apenas com calda bordalesa. Hoje, manhã de Páscoa, são manto extenso de flores branco-rosa. Um espectáculo. Uma delícia para a vista. Não me lembro de tanta flor no nosso pomar de macieiras!

— *Olhe as flores, este ano, ressuscitaram pela Páscoa no pomar.*

Os doentes que as contemplam põem nelas uma semelhança com o Mistério Pascal. Estes doentes não precisam de sermões nem de discursos elaborados para entenderem a Ressurreição de Cristo e até mesmo a sua própria. Eles também vão renascendo aqui em Casa para uma vida nova. Basta-lhes observar a natureza para perceberem que após o Inverno das suas vidas a Primavera anuncia sempre a Páscoa e, com ela, a vontade de viver, a alegria de existir.

O renascer do homem decaído, rejeitado ou excluído é um processo de metamorfose lenta em que a aceitação da sua pessoa e o amor por ela são os ingredientes básicos. A não existência deles leva fatalmente à tristeza, à perda da vontade de viver.

Ora, estes doentes reparam que são capazes de tanta coisa, que os deixam realizar tarefas variadas, que têm muitos amigos ao seu redor. Constatam que são capazes de actos de generosidade, de bondade, de dedicação e, por isso mesmo, sentem-se ressuscitados.

A ressurreição do homem começa pelo encontro com um viver onde circula o amor. E este é fermento de Eternidade onde ele será o todo absoluto.

É, pois, bom vê-los felizes nesta manhã de Páscoa, observando o ressurgir da natureza no pomar florido.

Padre Baptista



Capela do Calvário

BENGUELA

Chuvadas fortíssimas

HÁ cerca de um mês vos falava da alegria pela água do rio Cavaco. Acabava de chegar. Com a água estava garantida a irrigação de milhares de hectares de terreno e o abastecimento às populações.

Esta alegria vem sempre acompanhada de algum temor. As chuvadas fortíssimas, quando acontecem, alimentam o rio; provocam cheias desmedidas; invadem os bairros ribeirinhos; deixam muita destruição. Foi, na verdade, o que aconteceu. Centenas de famílias ficaram sem as suas casas e sem os poucos haveres.

Há dezenas de anos, entretanto, não se dava o que ora se deu. Foi no Domingo de Páscoa, pela tarde. A véspera foi de chuva intensa, ao longo dos montes e lugares que acompanham o rio para o interior. O caudal fez-se tão volumoso e violento que a ponte desabou. A ponte sobre o rio Cavaco, que liga Benguela ao Lobito e a todas as povoações para norte e nordeste de Angola, não suportou

o embate das águas. Dois tabuleiros ruíram e a estrada foi cortada. Estamos relativamente isolados de Benguela, sem comunicação por estrada e sem telefone. Benguela situa-se na margem esquerda do rio, a nossa Casa do Gaiato fica na margem direita. A ponte era guardada, noite e dia, pela polícia armada, durante a guerra, para que não fosse destruída. Ruiu, em poucos momentos, pela força das águas, porque lhe faltou a protecção que se chama manutenção. Foi construída em 1954. Não podemos considerá-la velha. Por ela circulava todo o trânsito que dava vida às cidades de Benguela e Lobito, no sentido sul, norte e norte, sul. Faz muita falta à nossa vida e à de toda a gente ligada ao centro sul de Angola. Deixamos, por isso, este apontamento.

Os momentos das grandes aflições têm a graça de unir as pessoas. Foi o que aconteceu. Muitas casas ruíram. As famílias ficaram ao relento. Algumas, porém, foram acolhidas por outras. O nosso tractor

andou por lá a carregar os restos das casas e as pessoas para outros lugares de acolhimento. A zona ribeirinha é, sempre, perigosa porque está sujeita a grande insegurança. Muitos populares, vindos do interior, por causa da guerra, levantaram suas casas, onde puderam, sem pensar no risco que corriam. A fragilidade dos materiais de construção também ajuda a derrocada, quando a água das chuvas e do rio aparece. Chove poucas vezes, mas, quando chove, é mesmo a sério. A propósito, estou a recordar-me dos primeiros anos da nossa chegada a Benguela, em que a chuva era mais regular e abundante, mas o assoreamento do rio era acompanhado, de modo que as águas eram contidas no seu leito. Ontem, fiquei impressionado com a quantidade de terra arável comida pelas águas incontroladas do rio. Tenho esperança que as autoridades responsáveis não-de fazer tudo o que puderem para evitar des-

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

PATRIMÓNIO DOS POBRES — Procuramos acompanhar os utentes de casas do Património dos Pobres. Pai Américo tinha razão da necessidade de assíduas visitas de vicentinos(nas) a tão rico Património que nasceu em seu coração. Isso é uma forma de, inclusivé, se promover socialmente as famílias ocupantes, do ponto de vista social.

Há delas em que se desponta o amor por vasos de plantas que enfeitam pequeninos jardins ou embeiras de janelas. Vale a pena cheirar, nesta altura, o odor das flores. O extremo cuidado que uma ou outra dessas mulheres, que dantes viviam sem gosto, porque não tinham casa digna, agora, inventam forma de ter o seu jardim!

VOZ DO PAPA — Na mensagem quaresmal, o Santo Padre apelou aos cristãos do mundo inteiro para que «vivam uma generosidade real pelos irmãos mais pobres» e critica a visão dos que avaliam «as relações com os outros a partir do interesse e proveito próprio, segundo uma visão egocêntrica da existência, na qual, com frequência, não cabem os Pobres e os débeis». Toda a pessoa, até a menos dotada, deve, pelo contrário, ser acolhida e amada por si mesma, prescindindo dos seus méritos e defeitos. «E é mesmo quando alguém mais se acha em dificuldade que mais deve ser objecto do amor concreto. A Igreja testemunha tudo isso através de numerosas instituições, cuidando dos doentes, marginalizados, pobres e explorados, tornando os cristãos, deste modo, apóstolos de Esperança e construtores da Civilização do Amor.»

«A pobreza, a penúria de muitos são, mesmo, uma situação que permite a outras pessoas aprenderem a libertar-se do seu egoísmo. E quando o cristão acode às necessidades do próximo está a prestar uma ajuda que nunca é meramente material, mas também implica

comunicar o sentido pleno da Vida, da Esperança, do Amor».

Sob o título «Recebestes de graça, dai de graça», frase do Evangelho de Mateus, a mensagem (que citamos) é uma ocasião para o Santo Padre falar da «benevolência de Deus», dizendo que «o desabrochar da vida e o seu prodigioso desenvolvimento é um dom.»

PARTILHA — Assinante 57558, do Porto, presente com um donativo de 150 euros, «insignificante ajuda à mãe dos trigêmeos pequeninos — vi n' O GAIATO».

O nosso Rodrigo, assinante 19348, vive na Maia, «pequena migalhinha, 125 euros, prova de gratidão e amizade, por tudo o que a Obra da Rua me deu, e o caminho que me proporcionou, pois que o pouco que hoje sou, no meio da sociedade, à Casa do Gaiato o devo e a Pai Américo — seu autor. Outra migalhinha é destinada à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, da qual fiz parte, e que guardo com a maior saudade e amor, o que é viver no meio dos Pobres. A alegria que eles nos dão quando estamos na sua presença! É extremamente gratificante esta ligação Vicentino-Pobre. Espero não serem as últimas migalhinhas, dentro das minhas possibilidades que, graças a Deus, não são as piores. À Obra da Rua o devo...»

Uma leitora, de Carregosa (Oliveira de Azeméis), com votos de santa Páscoa, manda «o cheque habitual, de 149 euros. Não quero recibo nem agradecimento. É o meu contributo obrigatório» — disse.

O assinante 53241, do Luso, aí está «com vinte e cinco euros, relativos ao mês de Março, que aplicarão em conformidade com as necessidades mais prementes».

Assinante 14493, do Porto, «contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus relativa ao mês de Março».

De Perosinho (Gaia) vem «uma pequenina ajuda em cheque», pela mão da assinante 9790, lembrando ao Senhor Jesus a situação dos angolanos.

A habitual oferta da assinante 31104, de Lisboa, «pelo facto de nos sentirmos infelizes, não devemos esquecer

RETALHOS DE VIDA

Erickson

Eu sou o Erickson Mota. Tenho treze anos. Nasci em 1989, em Angola.

Na Escola faço muitas coisas. Estudo no 3.º ano.

Nas horas vagas, ajudo o sapateiro. Há por lá muito que fazer!

Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, porque o meu pai era muito pobre. Por isso, os meus irmãos estão por cá, também.

Um dia, quando for grande, gostaria de ser professor de Matemática.

Enfim, gosto de estar na Casa do Gaiato. Aqui, todos gostam de mim.



aqueles que também o são», disse.

Assinante 2455, de Póvoa de Santo Adrião, com 25 euros «para os trigêmeos de Paço de Sousa — donativo para a Páscoa».

«Uma pequena importância, da assinante 60788, do Porto, partilha da Páscoa para fazerem face a muitas necessidades dos Pobres que a Conferência socorre sempre com espírito fraternal e de justiça. Cristo Ressuscitado vos dê saúde e o amor ao próximo que procuram demonstrar».

Guarda: 50 euros e «votos de santa Páscoa, pela mão da assinante 32925».

«Para acudirerm às muitas necessidades que diariamente tendes por amor aos mais carentes, e também para agradecer uma graça concedida, junto 250 euros. Bem hajam» — acentua o assinante 31166.

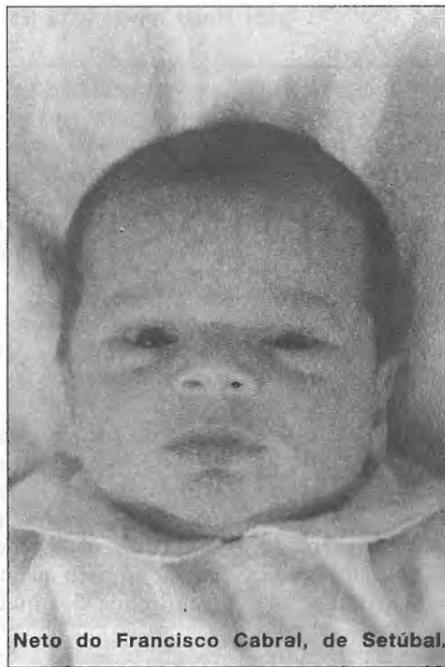
Cinquenta euros, da assinante 1121, inscrita como assinante n' O GAIATO em Fevereiro de 1959, com grande amizade pela Obra da Rua, «para ajudar um pouquinho a Páscoa dos Pobres. Mas, como ela já passou, será para a conta da Farmácia».

Caldas da Rainha: Cento e cinquenta euros para «aliviar um pouco o sofrimento ou as carências de alguém mais necessitado. Gostaria que fosse beneficiada alguma família em

que haja crianças (à nossa conta, digamos, temos três gémeos...), mas não é uma imposição da minha parte. Já que estais 'no terreno' testemunhai os tormentos de tantos irmãos, sabereis qual o melhor destino a dar a estas migalhas».

Votos de Santa Páscoa! Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



Neto do Francisco Cabral, de Setúbal.

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Os Iniciados, que na semana anterior tinham perdido com o Rio Ave, ganharam ao Desportivo de Portugal que nos visitou na tarde de 17 de Março. Um jogo agradável, não só pela vitória, mas sobretudo pelo comportamento dentro do campo. Foram mais aguerridos e parece estarem de novo no caminho das vitórias. Este jogo também ficou assinalado com o regresso do «Teixugueira» que estava a cumprir castigo. Foi um dos que, por brincadeira de mau gosto, resolveu apostar em como não aparecia ao jogo, o que na altura não foi nada agradável. Espero que não volte a ter atitudes deste género e que sirva de exemplo para todos os outros.

Bom exemplo deram os Sêniores ao vencerem sem dó nem piedade o Juniores da União Desportiva de Sousense no passado dia 16 de Março. Jogo aguerrido, com muita determinação e disciplina. Talvez pela disciplina reinar de parte a parte é que não podia ter corrido melhor. É preciso não esquecer que os Juniores da União Desportiva de Sousense, ficaram em primeiro lugar no seu campeo-

nato e vão agora disputar a subida de divisão. Ultimamente, os rapazes têm andado a praticar bom futebol e o conjunto a ficar com bom entendimento e disposição mais evidente.

Para que os bons resultados apareçam, é inevitável que dentro das quatro linhas se jogue mais futebol e se fale menos. Sempre ouvi dizer: «Ovelha que berra, bocado que perde».

Embora o nosso campeonato esteja sempre ganho (...), ninguém gosta de perder. Por vezes, o adversário é perito em provocar a desestabilização para nos arrastar para a prática de mau futebol e não só. Nós sabemos bem que, infelizmente ainda há gente a olhar para nós como uns (...), mas, graças a Deus, à medida que o tempo vai passando, vamos sabendo dar-lhes a resposta. Para isso, é necessário que lhes não respondamos senão com uma boa lição de futebol e, sobretudo, mostrarmos-nos pessoas mais dignas do que eles, que, tantas vezes, se julgam superiores a nós. Se eles não sabem, não querem, ou não lhes interessa saber, é necessário que nós saibamos dizer o que pretendemos e quem somos. Não devemos pactuar com gente com a que nos apareceu no fim-de-semana de 9 de Março.

Alberto («Resende»)

SETÚBAL

OBRAS — No período de férias da Páscoa, com as escolas fechadas e mais mão-de-obra disponível, andamos atarefados com obras em todas as direcções.

Com o Verão a aproximar-se, os arranjos na piscina tiveram um bom adiantamento.

Nos quartos para os gaiatos mais velhos, continuam as obras de restauro.

De há muito tempo a esta parte, as nossas obras são muito acarinhadas pela Secil do Outão que nos autoriza a levar todo o cimento que necessitamos. Aceitem o penhor da nossa gratidão.

Os nossos galináceos vão passar a ter mais liberdade. Patos, galinhas, galos e garnisés, vão dispor de espaço no pomar para procurar o seu sustento e ficarem mais acessíveis aos olhos dos rapazes. Isto é possível porque se fez um túnel, entre o galinheiro e o pomar, e o Zé Ferreira foi o orientador das obras.

AGRICULTURA — Andamos na sementeira da batata, um dos alimentos básicos da nossa alimentação. Também plantámos umas centenas de pés de tomate e algum pimento que nos vão dar excelentes saladas, se a produção for boa...

Daniel

VACARIA — Nasceu mais um bezerro na maternidade. Foi preciso dar uma ajuda no parto porque a cria estava em posição difícil para nascer.

Tratar bezerras dá muito trabalho. É preciso dar-lhes o leite, palha e água, e limpar-lhes as barracas para que cresçam bem e com saúde.

Limpar a cama às vacas e completar o trabalho



Está, aqui, a Casa de Férias na Arrábida.



Trabalho agrícola em Benguela

Benguela

Continuação da página 1

graças muito maiores no futuro, como a destruição de bairros inteiros pela invasão das águas do rio Cavaco.

Muitas pessoas vindas do interior, por causa da guerra, vítimas também das cheias, não-de regressar às suas origens com a chegada da paz. Oh, quem dera! As lágrimas de esperança e alegria correram pela face, quando foi assinado o acordo de cessar fogo. Foi caminho duro e sangrento, ao longo dos anos, até chegar este dia. Foram anos e anos de guerra devastadora. As armas estão em silêncio. Acredito na sinceridade dos que fizeram calar as armas.

Quero viver a esperança da certeza duma paz verdadeira, que ora começou.

As crianças estão contentes. Os pais começam a ver o futuro de seus filhos com mais segurança. Mas o caminho da paz está no princípio. É pedido um desejo muito grande de justiça e amor para construir a estrada sólida da paz. A guerra foi uma tremenda injustiça a gerar vítimas inocentes. Quantas outras injustiças sociais à sombra da guerra! É preciso desarmar os corações. É preciso amar os corações com as armas da justiça, da partilha e da caridade cristã. Vamos para a frente!

Padre Manuel António

Cartas

O GAIATO dá-me Força

«Ao receber O Calvário, II volume, que é para mim mais um livro de orações, só vos sei dizer: obrigada e perdão. Obrigada por tanto que nos dais, perdão pelos nossos esquecimentos e pela falta de partilha. Que Deus vos ajude cada vez mais. Anseio pelo vosso Jornal, pois ele me dá Força. Tenho todos os encargos com uma irmã deficiente mental, que os nossos irmãos ignoram e recusaram. Só lhes interessa o dinheiro e, como já tenho 70 anos, às vezes é difícil.

Assinante 32019»

Louvor ao livro Calvário

«Torno à vossa presença para agradecer o envio d'O GAIATO e, porque o Famoso cumpriu recentemente mais um aniversário, para edificação de quantos o lêem, saudar todos os que

contribuem para que cresça e continue a ser pequenino, sem 'que em nada se pareça com os grandes', como desejou Pai Américo.

Muito agradeço também o II volume da edição d'O Calvário. Dada a natureza do assunto, a prosa que, por ele, nos é dado a conhecer pelo Padre Baptista, para além da qualidade literária, é singularmente luminosa. Bem haja!

Mais uma vez lhe peço o favor de aplicar um pequeno donativo, da forma como julgar mais urgente e útil no mitigar das carências materiais dos mais necessitados.

Assinante 23765»

Visitas

MAIS uma vez tive o prazer de visitar as nossas Casas de Portugal, onde tive a oportunidade de descansar, mas principalmente de aprofundar a minha amizade com as comunidades das várias Casas. Conheci também os rapazes, soube dos seus problemas, dos seus anseios, dos seus sonhos, orientando alguns naquilo que podiam para que um dia pudessem ser alguém na vida.

Em primeiro lugar, estive na Casa-Mãe, em Paço de

Sousa, quero agradecer a forma calorosa e carinhosa como me acolheram, o que facilitou a minha breve estadia; e toda a ajuda que tive na preparação de um contentor de coisas necessárias para um melhor funcionamento e conforto da Casa de Malanje.

Depois, passei uma semana na Casa do Gaiato do Tojal. Tive a oportunidade de conhecer melhor a Casa, os rapazes e quantos nela dedicam a sua vida.

Passei pela Casa de Setúbal, e aproveitei para des-

cansar um pouco. Aqui, tive também a oportunidade de conviver com os rapazes e de conhecer, de perto, as várias actividades que se desenrolam durante o dia.

Finalmente, estive uma semana na Casa de Miranda do Corvo onde celebrámos e concelebrámos os Mistérios da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo.

Mas o que me deu mais prazer nesta breve passagem foi a experiência da visita pascal e toda a alegria das pessoas que anunciavam que Cristo tinha vencido a morte. Nesse momento senti que estava em casa.

Padre Custódio

do raspador do esterco é tarefa dos ajudantes da vacaria. É um trabalho que gostamos de fazer.

Luís Manuel

RETIRO — Um grupo de vinte e poucos rapazes esteve em Retiro na casa de férias, orientado pelo Padre João, do Seixal. Foram três dias de muito convívio, tempos de reflexão sobre Deus e sobre nós próprios, e passeios à praia e às capelinhas onde os eremitas viviam.

Foi muito bom porque nos tornou mais despertos para a realidade da nossa vida espiritual.

ESCOLA — Esperamos que este terceiro período de aulas seja melhor que o segundo, e os rapazes melhorarem o seu aproveitamento para poderem passar de ano. Nem tudo correu bem porque houve muita agitação e pouco interesse da parte de alguns, embora outros tenham obtido bons resultados.

«Nininhas»

Um sonho

Tive um sonho
Que foi o mais lindo,
Que sonhei
Em toda a minha vida
Sonhei que andava
A falar com o Senhor.
Então cada cena que passava,
Percebia cenas da minha vida.
Perguntei então ao Senhor:
— Porque sou tão triste?
Respondeu-me o Senhor:
— Meu querido filho jamais te deixarei.
Eu sei bem o que dizes
Mesmo que às vezes não me fales.
Eu sei bem o que tu sentes,
Mesmo que não o partilhas comigo.
A teu lado caminharei
Junto a ti sempre estarei
Sou o teu apoio
Sou o teu melhor amigo.
Obrigado Senhor!
Eu te agradeço
Por tudo de bom
Que despertaste em mim!
Senti ao olhar para ti
O despertar do meu coração.

«Zeca»

Clamor dum aflito

Que quereis de mim, Senhor?
Eis-me aqui, Senhor,
Lançado nessa selva em que se
Tornou o mundo!

Aqui estou,
Aqui me plantastes,
[com um vazio perfeito.
Desde o dia em que estivestes
A moldar-me
[no ventre da minha mãe
Reparei que só o vazio
[me fazia companhia!

Já passei aos vinte e dois anos de idade
Mas até agora, só sei viver
Como uma criança, ao colo da sua mãe!
Quando criança, via que tinha
[um belo horizonte.
Mas, já adulto, vejo-o
[a demolir-se na frente.

Não consigo mais levantar
[a cabeça para ver com altivez.
Estou inclinado no pó
[de que sou formado.
Os meus dias estão a terminar,
[mas, até hoje,
Não sei o que serei nesta Angola!...

Adão Fonseca

DOCTRINA



Tintas fortes

O rosto desta casa portuguesa e de outras que já se levantam dentro da nossa granja, reclamam naturalmente vida e costumes à moda de Portugal. Os cachorros das janelas pedem vasos e flores. A entrada, alpendres de verdura. Os beirais, ninhos de andorinhas.

ESTAMOS a entrar no tempo das colheitas, tendo já malhado e limpado o nosso pão de pragana. Os mais pequenos da Casa vão agora por cestos de espigas de milho e feixes de rama de feijões que outros maiores colocam na orla dos campos. No antigo celeiro dos frades estão as batatas às toneladas e maçãs para as merendas de Inverno. Se não podemos fazer conservas de compotas e marmelada, guardamos e servimos consoante as nossas forças. Os rapazes, alegres e felizes como as abelhas, delectam-se na recolha de coisas que jamais viram, sabendo que delas tiram o seu alimento. É a vida de braço-dado com a vida.

CACHOS pendentes de extensas ramadas trazem a população em alvoroço permanente e os pedidos instantes são de cada minuto: «Um cachinho!» Já se marcou o sítio para a sementeira do linho. Os nossos gaiatos não-de ver tapetes azuis de linho em flor. Não-de arrigá-lo por suas próprias mãos; ripar a baganha, metê-lo no rio, estendê-lo nos montes, levá-lo ao engenho. Não-de ver a espadela, o cedeiro, a roca, o tear. Temos de levantar o linho caseiro às alturas de onde o deixaram cair, reparar o ultraje; ensinar o povo a encontrar o fio das meadas, regressar às tradições, ser português dentro de Portugal.

POR uma falsa noção de economia doméstica, a gente das nossas aldeias teve a rara habilidade de enriquecer as indústrias dos tecidos de algodão e ficar vestida de farrapos, na maior das misérias! Trocou o bragal de cor imaculada pela miragem das anilinas. Preferiu a auguinha de cheiro ao perfume da alfazema. Cortou a roda às saias. Já se não diz com verdade que «meia moça está na caixa». Pois que têm elas nas caixas senão farrapos de andor? Oh gente desgraçada que vais assim no turbilhão.

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)



Luís colhe as couves na horta do Tojal.

ENCONTROS EM LISBOA

Esperança

NÃO sei porquê, mas quando falamos de Esperança queremos ver sempre o coração cheio. Temos medo do vazio. Dessa maneira parece que não temos tempo para olhar as pequeninas coisas e os pequenos sinais e dar-mo-nos à contemplação do já conseguido.

Quando se trata da Educação é importante estarmos atentos aos pequenos sinais que o educando dá, a fim de os valorizarmos. Acontece-nos, muitas vezes, receber um rapaz que passa todo o tempo sem vermos sinais... Depois, sem contarmos, começa a aparecer, numa forma quase incipiente, alguma responsabilidade, algum desejo de ser recompensado, alguma maneira de se evidenciar. Nesse momento é altura de continuarmos a tratar, a cuidar para que nada se perca.

Se olharmos bem à nossa volta, a Natureza ensina-nos a caminhar muito lentamente no despertar da Primavera em direcção ao Outono da colheita. É o pequeno botão a rebentar, são as pequenas folhas a quererem resistir, é a flor, depois um fruto minúsculo que, pouco a pouco, se vai tornando forte.

Se estivermos atentos aos relatos da Ressurreição, verificamos que o acordar da longa noite começa lentamente, quase pessoa a pessoa, como se se confidenciasse um segredo de que não havia grandes certezas. Esse segredo vai-se alicerçando no coração, até transbordar em vidas que se dão, se transformam e são capazes de enfrentar todos os perigos. Hoje, ao lermos os testemunhos que nos ficaram dos primeiros iluminados pela Ressurreição, ficamos atónitos e gostaríamos de sentir a mesma Força. Entretanto, estamos no tempo de caminhar, dia após dia, hora após hora, atentos aos sinais do Ressuscitado na nossa vida.

Padre Manuel Cristóvão

Festas

21 de Abril — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja de RIO DE MOURO.

28 de Abril — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja de MASSAMÁ.

5 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de TORRES VEDRAS.

11 de Maio — Sábado, 15.30 h, Cine-Teatro de LOURES.

19 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Rua Camilo Castelo Branco — ao Marquês de Pombal — LISBOA.

PENSAMENTO

Persistência e impertinência andam sempre de mãos dadas.

PAI AMÉRICO

Notas do tempo

DE expectativa — qual o tempo que o não é? Tanto como, em óptica cristã, todo o tempo é de Esperança.

Deus não Se enxertou na História dos homens para os substituir; senão para que tenham vida em abundância e qualidade. Para que sejam Homens, cónscios da sua dignidade original, decididos a assumir o projecto incessante de a regenerar contra todos os riscos de desumanização. E são tantos: procriados pelo Orgulho e pela Cupidez!

Os grandes problemas que afectam as sociedades nenhum sistema ou saber os resolverá sem o Homem, qualificado pela sua competência, com certeza, mas não menos pela rectidão da sua consciência.

Não se me apaga da memória aquela palavra ouvida de um homem público, sério e livre, que por isso mesmo, pela sua coerência, cessou prematuramente o seu serviço: «A Humildade não é virtude dos políticos». Eram outros tempos. Hoje, na situação mais ao rés do Homem porque mais de todos os homens, que é a Democracia, bom era que a Humildade fosse virtude dos que assumem poder. Mas porque situação, ao menos em princípio, mais de todos os homens, é necessário também que todos se assumam responsáveis de deveres de cidadania, em que a Humildade, a Honestidade, a disposição para servir o Bem Comum à frente do seu interesse particular, sejam fundamento

e fontes de dinamismo para a intervenção que a cada um compete.

Se, na verdade, é a partir dos homens que a sociedade se constrói, também a perfeição dela há-de resultar da deles. Por isso o aperfeiçoamento dos homens é condição *sine qua non* para a perfeição da sociedade. A própria Igreja, enquanto Povo de Deus, apesar de divina a sua «Pedra Angular», não está isenta desta lei.

A expectativa, tónica no tempo que ora vivemos, incide mais na postura dos cidadãos frente aos problemas que ferem a sociedade do que na sabedoria das soluções que os encarregados da governação achem para responder-lhes. Lembro o «milagre alemão» (bem como o ressurgimento japonês) após a Segunda Grande Guerra mundial. Por muito bem concebidos, por muito bem liderados que tenham sido os planos, eles não teriam restituído aqueles Países a lugar cimeiro entre as Nações, em tão breve prazo, se não fora a determinação dos respectivos Povos, o seu espírito de sacrifício, a sua sensibilidade ao social, reveladores da chamada a si por cada cidadão, das dificuldades que afligiam todo o Povo. Foi esta atitude cívica generalizada que os impôs ao respeito do Mundo e os repôs como autoridade arbitral; não foi só a sua recuperação nas áreas da economia e das finanças.

Também nós temos de ressuscitar e inovar valores: a Família como instituição forte e saudável; o trabalho; a

honestidade; o sucesso escolar a todos os níveis; a contenção de egoísmos exacerbados pela «moral do prazer» que corre destravada e desastrosamente em todo o mundo; a diligência conscienciosa de proporcionar o supérfluo à modéstia dos recursos para que a ninguém falte o essencial; a legítima ambição de, pela nossa produtividade e eficiência, sairmos da cauda das Nações, que tal não é, com certeza, uma fatalidade nacional.

Por muitos discursos que se façam de cima para baixo, sobre estes e outros temas, é o Povo que tem que tomar a lição para si e, quanto possível, por si. E talvez ainda tenha ocasião de a dar, de baixo para cima, não em discursos, mas pela sua exemplar vivência em austeridade e auto-disciplina e em vigilância activa que o constitua autêntica e permanentemente a suprema Autoridade.

Não vale dizer demagogicamente que «o Povo é quem mais ordena» se a Democracia, tal como está estruturada, se deforma tantas vezes num exercício de micro-ditaduras em queda livre entre os momentos em que o Povo tem a real oportunidade de se pronunciar. Ou os seus representantes O representam verdadeiramente, com paixão de servir e conhecimento em actualização permanente mediante trabalho feito em convivência íntima com o Povo; ou terá de se reformar por outras vias de representação mais eficazes. Trata-se, pois, de uma séria revisão do sistema e de coragem no fazer consequente.

Momento de especial expectativa, sem dúvida — que não dispensa uma grande Esperança.

Padre Carlos

SETÚBAL

Óculos do «Alentejano»

NÓS também temos tribunal de primeira e de segunda instância. Num caso que esta semana se deu entre nós, fui juiz no de segunda instância.

O «Alentejano» fora com mais três ou quatro rapazes, jogar a bola para o campo. Como usa óculos, deixou-os no muro que circunscreve o campo enquanto foi dar uns pontapés na bola.

No final da partida procurou-os, mas só achou o lugar onde os deixara.

Estando à mesa, reparei na ausência dos seus auxiliares de visão. «*Haviam-lhos tirado, e desconfiava do Leonardo*». Como este também come à nossa mesa, logo ali se tentou esclarecer o assunto.

— *Eu não fui*, disse o Leonardo, *se calhar foi ele que os partiu!*

Fizeram-se várias tentativas para se saber o que tinha acontecido, mas dos óculos nem fumo.

Com dificuldade em resolver o assunto, tive de passar o caso à primeira instância.

Ao meio da comunidade, foram chamados o presumível culpado e a vítima da extorsão. Cada qual disse de sua justiça, repetindo o que já antes me haviam dito.

A sabedoria do juiz encaminhou-os, sem demora, para o local onde se dera o desaparecimento dos óculos, não antes sem lhes abrir os olhos com palavras convincentes.

— *Vão lá buscar os óculos e tragam-nos cá.*

Não foi preciso muito tempo para que os ditos aparecessem. Intactos, sem a menor beliscadura. De novo puderam pousar no nariz do nosso «Alentejano».

Mas eis que no dia seguinte, já ele andava novamente sem óculos. Fora, o Leonardo que lhos partira com um murro que lhe dera.

Estes dois pequenos são encantadores. Cada qual com o seu modo de ser, ambos muito gaiatos — por isso são nossos; um, fazendo as suas traquinices sem dar nas vistas; o outro, por temperamento, sem conseguir esconder a sua matreirice.

Estavam na Catequese quando se deu a zaragata. O catequista, ausentara-se por instantes. A oportunidade surgiu e, desta vez, os óculos ficaram mesmo partidos.

Todos os do grupo tinham visto. Todos foram unânimes no narrar dos acontecimentos. Só faltava a confissão do autor do murro que partira os óculos do «Alentejano».

O Leonardo foi fazendo o arranjinho de que a sua imaginação era capaz. De história em história foi-se aproximando da verdade dos factos.

Os nossos rapazes, como todos os seres humanos, têm medo de assumir a culpa e de encarar a verdade de frente. Só se não puderem, é que a aceitam, silenciosamente, sem a assumirem.

É o pecado original a impor a sua força. Que fez Adão quando confrontado por Deus com o seu acto? Sacudiu a culpa para Eva. Teve medo de assumir o seu acto frontalmente e as suas consequências.

Agora, os óculos do «Alentejano» estão na oficina do oculista. Em breve, se calhar, voltarão a atrair outras ou as mesmas mãos que os cobijaram. Vamos ver se da oficina trazem algum ingrediente que torne os olhos do «Alentejano» menos sorrateiros e os do Leonardo menos impulsivos.

Padre Júlio

Praticando o Bem

Continuação da página 1

pulseira que era da minha mãe, um anel antigo, assim como uma cruz e um alfinete lindíssimo muito antigo. Como eram coisas que me ficaram da minha mãe e das minhas tias — excepto o fio — venho enviar o valor destes objectos em nome do Senhor Jesus e por seu Amor. O fio rendeu-me trezentos euros. Quero, isto é, desejo que o Senhor aceite essa importância para irmãos necessitados, pelas minhas intenções. Se for de sua Santíssima Vontade — que eu aprenda a seguir pelo caminho do nada e a fazer aquela oração profunda que mergulha a alma em Deus, sendo assim um instrumento na salvação dos Irmãos e quando um dia chegar à Eternidade possa ver muitas almas das quais eu tivesse sido instrumento da Salvação. Para mim, que o Senhor me dê, por esmola, o lugar mais escondido, onde fique esquecida de todos. Porque se alguma coisa fiz de bom, não sou eu que o faço, é o Senhor que se serve de mim, por isso só me resta agradecer.»

Eis.

Padre Acílio